Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: VEJA Class.: Garimpo / Poluição

Data: 23/03/94 Pg.: 75 69

AMBIENTE

Em busca do ouro limpo

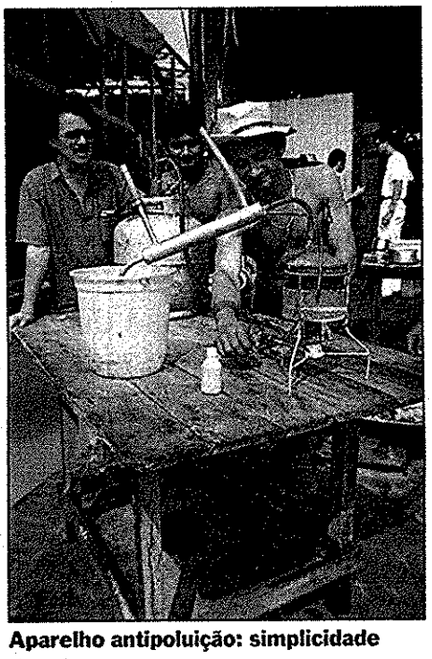
Europeus vão gastar 3 milhões de dólares para reduzir a contaminação por mercúrio nos garimpos da Amazônia

Um convênio entre o Imperial College de Londres e o Instituto de Biofísica Carlos Chagas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vai tentar minimizar um dos efeitos mais temíveis da ocupação econômica da Amazônia — a contaminação das populações ribeirinhas pelo mercúrio usado no processo de extração de ouro nos garimpos. Os cientistas dessas duas entidades devem iniciar ainda no primeiro semestre deste ano em garimpos da região testes com dois aparelhos muito simples e baratos capazes de reduzir em até 95% os níveis de contaminação por mercúrio. Os primeiros testes serão nos garimpos situados à beira do Rio Tapajós, no Pará, onde serão instalados trinta desses aparelhos. "Um ano mais tarde vamos medir os níveis de contaminação nessa região para verificar se houve diminuição da poluição causada pelo mercúrio", diz o biofísico e bioquímico Wolfgang Pfeiffer, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, um dos envolvidos no projeto com os ingleses.

Estima-se que anualmente cerca de 200 toneladas de mercúrio acabem sendo despejadas no meio ambiente da Amazônia devido à ação de 350 000 garimpeiros que procuram ouro na região. O mercúrio é utilizado nos garimpos para facilitar a separação do ouro de outros metais e impurezas encontrados na terra. Ele atrai as pequenas partículas de ouro misturadas ao cascalho, fazendo com que elas se concentrem num só ponto. Depois que isso ocorre, o garimpeiro esquenta o mercúrio com um maçarico, provocando a sua evaporação. Sobra então apenas o ouro. Esse processo polui o ambiente em dois momentos. Primeiro, durante a lavagem do cascalho que esconde o ouro, quando o excesso de mercúrio líquido escorre para os rios junto com a água. Depois, na hora em que o garimpeiro põe o maçarico para funcionar e expele vapor de mercúrio para a atmosfera. Os aparelhos que vão ser testados na Amazônia procuram combater a contaminação por mercúrio nesses dois momentos da garimpagem. Um deles evita que esse metal em sua forma líquida escorra para os rios. O outro joga o vapor de mercúrio num recipiente fechado para ser condensado novamente e, posteriormente, reutilizado. O custo de produção de cada um dos aparelhos é de 30 dólares.

FOTOS ANDRÉ PENNER

Um garimpo em Itaituba, Pará: mercúrio nos rios e no ar



Aparelho antipoluição: simplicidade

"Bom Senso" — Nenhum desses dois aparelhos é invenção recente. Pelo contrário. São engenhocas antigas, toscas e bem conhecidas no mundo todo. O que sempre faltou no Brasil foram programas para divulgá-las e estimular o seu uso nos garimpos nacionais. O apoio da Comunidade Européia, que investirá 3 milhões de dólares no projeto do Imperial College com os pesquisadores brasileiros, é louvável e deve desencadear uma das primeiras ações sérias para tentar controlar a contaminação por mercúrio na Amazônia. Outra iniciativa louvável é dos japoneses, que vão gastar 850 000 dólares num projeto para pesquisar os níveis reais de contaminação por mercúrio na Amazônia. Sabe-se muito pouco sobre isso. Ninguém mediu os danos causados, a longo prazo, pelo uso de mercúrio na extração de ouro. Sabe-se que parte da população ribeirinha da região está se alimentando de peixes contaminados.

Um estudo recente do Centro de Tecnologia Mineral do Rio de Janeiro concluiu que os níveis de contaminação em três áreas da Amazônia Legal — Poconé e Mato Grosso, em Mato Grosso, e Itaituba, no Pará — são menores do que os tidos como aceitáveis. Na Amazônia, encontram-se algumas pessoas com níveis de contaminação acima do normal, mas o número de indivíduos que efetivamente adoeceram é muito reduzido. "Ainda não estamos numa situação crítica", diz o bioquímico Wolfgang. "Mas devemos usar uma tecnologia limpa no garimpo para evitar que a contaminação se torne um problema crônico." Desde 1989, há uma lei proibindo o uso de mercúrio nos garimpos do país que nunca foi cumprida. "Estamos apelando para o bom senso dos garimpeiros", diz Paul Docx, da Imperial College Consultants, a empresa que coordena o projeto. "Se conseguirmos resolver o problema da contaminação por mercúrio no Brasil, poderemos controlá-lo em qualquer parte da América do Sul." ■